UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

7INSCRIÇÕES 26-29



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA COIMBRA 1984 FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even been ommitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'Encarnação Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA Maria Manuela Alves DIAS

Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do

CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA" (2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.





ARA A DVANGEIVS, DE PENAMACOR

(Conventus Scallabitanus)

Гото 26

Aproveitada numa das colunas rústicas que sustentam o alpendre junto à capela da Senhora do Bom Sucesso, estava esta ara, hoje recolhida no Museu Municipal de Penamacor.

É de granito de grão médio, inexistente no local. Não se sabe qual a época do reaproveitamento nem o local exacto onde foi recolhida, mas já tinha tido qualquer outro reaproveitamento anterior uma vez que apresenta o capitel quase completamente destruído e sofreu também desbastes na base, principalmente do lado direito. Além disso, o desgaste é já bastante notório nas arestas do capitel, tendo quase apagado por completo as últimas letras do lado direito, ao mesmo tempo que uma pequena fractura na aresta do lado esquerdo destruiu parte das primeiras letras das linhas 2 e 3.

Dimensões: $74 \times 36 \times 24$. Campo epigráfico: $50.5 \times 33/34$.

CATVRO / TVREIV [sic] (filius) DEO / DVANGEIO / V(otum) S(olvit) .

Caturão, filho de Tureio, cumpriu o seu voto ao deus Duanceio.

Altura das letras: l. 1: 6 (O = 3); l. 2: 5 (O = 3); l. 3: 5 (O = 3); l. 4: 6. Espaços: 1: 3; 2: 1,5; 3 e 4: 2; 5: 20.

Parcialmente sobrepostas à l. 4 foram gravadas posteriormente as letras AM (Avé Maria?), de traçado mais profundo e um pouco mais largo. Logo por baixo um quadrilátero com $11 \times 23/24$, que contém o ano de gravação — 1865. Por fim, e parcialmente



Гото 32

sobre a moldura da base, o número 22 (talvez a data, a que falta o mês).

Os AA são de travessão alto e o R tem haste oblíqua partindo da pança. As ll. 1, 2 e 3 terminam com OO bastante mais pequenos que as restantes letras (3 cm), de que restam ainda vestígios. O D da l. 3 reconhece-se apenas pelo que resta da pança. O G é de haste curva e dirigida para trás (escrita actuária). Na l. 2 poderia pôr-se a hipótese de nexo NI — Tureni — mas, comparando com o N da linha seguinte, mais estreito 1 cm (3,5 cm), optamos pela leitura de Tureiu como corruptela de Turei (vel Tureii).

Apenas é visível o punctus no final da fórmula dedicatória. No entanto, como o texto está alinhado à esquerda e à direita, é provável que, pela preocupação de uma boa ordinatio, tivessem existido também puncti antes e depois do V da l. 4, posteriormente destruídos com a gravação das letras AM. Essa mesma preocupação terá levado o lapidarius à gravação dos OO com dimensões reduzidas, evitando a translineação.

A antroponímia é indígena e vulgar na região. Quanto ao teónimo, já conhecido na região confinante de Cória (*Douanceius*, em Malpartida de Plasencia) (1), aparece aqui na variante sonorizada e com redução do ditongo -ou- a -u-.

Deve ser de meados do séc. II.

⁽¹⁾ Vide Ricardo Hurtado de San António, Corpus Provincial de Inscripciones Latinas — Cáceres, 1977, n.º 743; José Maria Blázquez, Diccionario de las Religiones Prerromanas de Hispania, 1975, p. 90.

MONUMENTO VOTIVO A ARENTIA, DE SABUGAL

(Conventus Scallabitanus)

Гото 27

Na fachada da igreja de S. João, na vila do Sabugal, a cerca de dois metros de altura e junto ao cunhal do lado direito, está embutida esta ara (ou cipo) deitada sobre o lado esquerdo. Desconhece-se a data do reaproveitamento, uma vez que, desde a Idade Média, esta igreja foi beneficiada mais de uma vez. Há já algumas décadas foi aliviada do reboco caiado que a cobria e, nesta altura, talvez porque se apercebeu da inscrição, o operário que picou a parede destruiu apenas as últimas duas ou três linhas, provocando, mesmo assim, alguns rasgos sobre as restantes.

O monumento não tem qualquer moldura e não parece ter sido cortado na parte superior.

Dimensões: 69×40 .

ARENTI/AE . EQVO/TVLLAICEN/SI . NICER 5 ARCONIS (filius) / [...] / [...]

A Arência Equotulaicense, Nicer, filho de Arcão...

Altura das letras: l. 1: 7,7; l. 2: 8,5/8; l. 3: 7; l. 4: 6,5/7; l. 5: 6/5,5. Espaços: 1: 2; 2: 2/2,5; 3: 1,5 (0 entre Q e C); 4 e 5: 1; 6 (mais 7 e 8): 26.

A altura das letras vai decrescendo, dando maior realce ao teónimo e ao epíteto. Tem um nítido alinhamento à esquerda. Os TT, os EE e os LL são de hastes curtas; o Q é feito a partir dos OO, mas com haste prolongada sobre a linha inferior; os RR têm haste oblíqua partindo da pança, mas curva e prolongada.

A antroponímia é indígena.



Fото 27

Quanto ao teónimo, este achado amplia um pouco para norte a sua área de dispersão (¹). É, no entanto, a primeira vez que esta divindade tutelar aparece sem ser acompanhada do teónimo masculino Arentius. O epíteto, Equotullaicensis — derivado certamente de Equo + tullaicum — pelo sufixo -ensis, deverá, na opinião de M. L. Albertos, ter um significado geográfico, o que está de acordo com o esporão em que assenta a actual vila do Sabugal; o seu segundo elemento poderá relacionar-se com o teónimo Tullonius e o topónimo Tullonium (Cfr. Maria de Lourdes Albertos Firmat, La Onomástica Personal Primitiva..., Salamanca, 1966, p. 236; e também José Maria Blázquez, Diccionario de las Religiones Primitivas de Hispania, Madrid, 1975, p. 176).

Deve ser da primeira metade do séc. 11.

⁽¹) De Cória ao Fundão e do Rosmaninhal ao Sabugal (José d'encarnação, Divindades Indígenas..., Lisboa, 1975, p. 97-108), a que há a juntar outro monumento inédito do Ferro (Covilhã): Maria da Ascensão G. C. Rodrigues, Ferro — Cova da Beira, Estudos Arqueológicos, Braga, 1982, p. 65-66.

ARAS A *LAEPVS* PROCEDENTES DE POUSAFOLES, SABUGAL

(Conventus Scallabitanus)

Todas as dedicatórias a Laepus, até ao momento, provêm da Quinta de S. Domingos, freguesia de Pousafoles, concelho do Sabugal (¹). É ali que se localizava o Cabeço das Fráguas onde existe a inscrição rupestre estudada por A. Tovar, que nela considerou como teónimo, entre outros, o dativo LAEBO, relacionando-o com diversos antropónimos da região «lusitana», como Laboina, Lapoena e Lapona. Esta leitura chegou a ser posta em dúvida («História de España Antigua», I, Madrid, 1980, p. 66), mas estes achados vêm, afinal, confirmá-la, porque Laebus é variante sonorizada de Laepus.

No local já haviam aparecido, pelo menos, catorze aras e árulas anepígrafas, juntamente com outros materiais cujo destino desconhecemos (²). É provável que aí tenha existido uma oficina epigráfica.

Os monumentos que ora damos a conhecer apareceram aquando da recente reconstrução da capela privativa da quinta, onde, há muito tempo, haviam sido reutilizados. O proprietário ofereceu-os, o 1.º ao Museu Municipal de Sabugal, o 2.º ao Museu Regional da Guarda.

⁽¹) Existem dúvidas quanto à delimitação de freguesias e concelhos neste local. No entanto, como os últimos achados se verificaram na base sul do Cabeço das Fráguas (Pousafoles, Sabugal), atribuímo-los todos a este concelho, embora a inscrição rupestre do Cabeço esteja incluída numa das duas freguesias do concelho da Guarda, que, pelo lado norte, ali confluem.

⁽²⁾ Vide Adriano Vasco Rodrigues, O Castro do Cabeço das Fráguas e a Romanização das Suas Imediações, «Beira Alta», XVIII, 1959, p. 111.



Гото 28.1

Árula em granito de grão fino da região, com capitel e base pouco evidenciados, de duplo filete. Apresenta fracturas, algumas com forte pátina, faltando-lhes as arestas inferiores direita e posterior. Tem fóculo circular (diâmetro = 7) e restos de pequenas volutas periféricas. A parte superior da epígrafe está bastante apagada, sendo no entanto possível a sua leitura. A última linha está gravada já sobre o primeiro filete da base.

 $\begin{array}{c} 8 \times 15.5 \times 13 \\ \text{Dimensões: } 11.6 \times 14.7 \times 12.5 \\ 6.5 \times 16(?) \times 13 \end{array}$

Campo epigráfico: $11,6 \times 14,7$.

TANGINV/S . L(ucii) BOVTI(i) (filius) / LAEPO . A(nimo) / L(ibens) . V(otum) . S(olvit).

Tangino, filho de Lúcio Búcio, cumpriu de boa vontade o seu voto a Lepo.

Altura das letras: l. 1: 3,4; l. 2: 3,2 (0 = 2,8); l. 3: 3,4 (0 = 2,8); l. 4: 3. Espaços: 1: 0; 2 e 3: 0,8; 4: 0.

Paginação segundo um eixo de simetria, mas deficiente, em parte devido às reduzidas dimensões e natureza do suporte, que levou à translineação da última letra do cognomen e à não gravação do punctus entre L e Bouti na l. 2. Ductus irregular, apresentando as mesmas letras aberturas diferentes. Os OO são nitidamente mais pequenos; os LL das ls. 4 e 5, estão bastante destruídos embora se notem; os TT, LL e EE têm hastes curtas e o P é aberto; o G tem haste vertical curta.

A antroponímia é vulgar na região.

Pelo tipo de letra este monumento deve ser de princípios do séc. 11.

28.2



Гото 28.2

Ara em granito de grão grosseiro, bastante erosionada. Tem moldura simples, com soco e cornija salientes. Tanto a base como o capitel foram desbastados aquando do seu reaproveitamento. Apresenta do lado esquerdo do capitel uma concavidade (tipo escócia) que, se não admitirmos a possibilidade de estar

inacabada, terá sido feita aquando do reaproveitamento; a não ser assim, teria capitel exageradamente alto. Restos de massa do lado direito e, principalmente, do lado esquerdo.

Dimensões:
$$22,5 \times 24$$
(?) $\times 20$
 $22,5 \times 20 \times 17,5$
 16×24 (?) $\times 23$

Campo epigráfico: 22.5×20 .

LAIIPO / . V(otum) . S(olvit) . / BASSV/S VIRIA/TI . F(ilius) .

Basso, filho de Viriato, cumpriu o voto a Lepo.

Altura das letras (muito irregular): l. 1: 3.6/4.5, aumentando de L a P, (O = 3); l. 2: V = 3.2 e S = 3.7; l. 3: 4/4.7, aumentando de B a V; l. 4: 3.7/3, diminuindo de S a I, (A = 4); l. 5: 3.2. Espaços (irregulares): 1: 0; 2: 2 em V e 1 em S; 3: 0.5 em A, e 1.5 em V; 4: 0.7; 5: 1.2/0 (a base do A fica ao mesmo nível que o topo das letras da última linha); 6: 0.

A ordinatio, bastante deficiente, parece poder atribuir-se a dois momentos diferentes: 1.º— inicialmente a gravação do teónimo, seguida de imediato da fórmula dedicatória; 2.º— a gravação posterior da identificação do dedicante. De facto, é mais vulgar o formulário da dedicatória aparecer no final do texto, pelo que, neste caso, talvez o monumento tivesse já gravadas as duas primeiras linhas enquanto se esperava um comprador — o que vem confirmar a existência de uma oficina no local, pois só assim se compreende que, depois de se ter tido a preocupação de colocar a fórmula segundo um eixo de simetria, se não tenha procedido de igual modo com o resto do texto, nitidamente alinhada à esquerda. Não se obedeceu à divisão silábica (l. 3/4).

Ductus muito irregular; os SS são esguios e inclinados para a direita; o O, redondo, é bastante mais pequeno que as letras anteriores; o B tem a pança inferior mais pequena. Se é vulgar E = II, já o mesmo se não pode dizer de $F - I^{I}$.

Como *Bassus* é vulgar entre os *cognomina* latinos e *Viriatus* é *cognomen* próprio da região «lusitana», estamos perante mais um caso de romanização da população indígena.

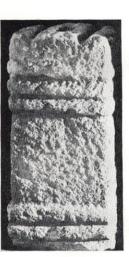
Este monumento deve ser da segunda metade do séc. 11.

Adenda

1. Confirmámos que se deverá ler Laepo e não Caepo na epígrafe do M.N.A.E. publicada por Leite de Vasconcelos (Religiões da Lusitânia, III, 1913, p. 619) e por J. d'Encarnação (Divindades..., 1975, p. 153) proveniente do mesmo local das anteriores (não da freguesia de Benespera). Não há dúvida que a oficina epigráfica de onde saiu este monumento foi a mesma, não só pelo ductus como também pela ordinatio. Deve ser também da primeira metade do séc. II (foto a).







b)

2. Apareceu juntamente com as anteriores uma ara anepígrafa em granito de grão médio; qualquer das faces principais, por falta de polimento, está deficientemente preparada para receber a inscrição (o que talvez ajude a compreender as deficiências de gravação das outras). O que se destaca mais são os toros do capitel e da base, assim como o fóculo, rectangular, obtido de forma expedita (foto b).

 $16,5 \times 22,5 \times 16$

Dimensões: 21 \times 19,5 \times 15

 $15 \times 23 \times 17$

O fóculo tem, interiormente, 3×7 e exteriormente 9×15 . Foi oferecida pelo proprietário ao Museu Regional da Guarda.

CIPO PROVENIENTE DE S. ESTÊVÃO, SABUGAL (Conventus Scallabitanus)

Гото 29

No sítio dos Mosteiros (¹) (Santo Estêvão, Sabugal), reaproveitado na construção de um palheiro, estava este cipo fragmentado — hoje no Museu Municipal — que possui duas inscrições de épocas diferentes: uma na face anterior (a primeira) e outra na face lateral direita. No momento do seu reaproveitamento tentaram parti-lo ao meio, verticalmente e pela face anterior, do que restam ainda vestígios das cunhas. Não o terão conseguido totalmente e, assim, não foi possível identificar os fragmentos, também reaproveitados, da metade que falta.

Não apresenta qualquer moldura, base ou capitel, mas vê-se, em cima, o que resta de um toro desbastado que, afastado 3 cm da aresta, tinha 8 cm de espessura. A largura do monumento ficou irregular e mantém o seu máximo, 36 cm, sensivelmente no centro geométrico do bloco.

Dimensões (relativamente à face anterior, incompleta): 102×28 (?) $\times 52$.

Inscrição A

[...]S . DAE / [...]CIVS . / [...] SALAC . / [...]S.

Altura das letras: l. 1: 8,5; l. 2 e 3: 6,5/6; l. 4: 6,5. Espaços: 1: 11; 2: 0,8; 3: 0,6; 4: 0,8; 5: 60,8.

⁽¹⁾ As proximidades devem pertencer as seguintes epígrafes, perdidas: CIL II 455 (= ILER 4888), 456 (= ILER 4338), 457 (= ILER 507) atribuídas à Capinha e 4638 (= ILER 1928) (mal localizada).





Гото 29

Ductus irregular. Os AA têm travessão médio; D com pança ligeiramente mais larga em baixo; L com haste curta. Na l. 1, o módulo é maior talvez para destacar o teónimo (?). É provável que a sigla da l. 4 pertença à fórmula final (Solvit) e, na l. 3, a abreviatura poderia corresponder a Salac(iensis).

Deve ser de inícios do séc. 11.

Inscrição B

Campo epigráfico (face lateral direita): 102×52 (irregular).

CVMELIVS / COROBVLTI / F(ilius) . CVLA/RNI / 5 FECIT / DE . / BALAT/VCELO / NAT(ione).

Cumélio, filho de Corobulto, Colarno, originário de Balatucelum, fez...

Altura das letras (muito irregular): l. 1: 3/5; l. 2: 4; l. 3: F = 4.5, A = 4; l. 4: R = 5, I = 3.5; l. 5: 5.3; l. 6: D = 5.5; l. 7: B = 6.5, T = 4; l. 8: V = 6, E = 3.5, O = 5; l. 9: N = 5.5, T = 4. Espaços (também muito irregulares): l. 4/2; 2: 2/1; 3: 2.5/1; 4 e 5: 1/3; 6: 1/2.5; 7: 0/1.5; 8: 0/2; 9: 2.5: 10: 40.

A concavidade existente nesta face já existia no momento da gravação, pois, além da pátina ser idêntica, o V da l. 8 está gravado no vértice inferior dela. Daí que o campo epigráfico tenha ficado limitado, a partir da l. 2, a uma largura média de 26 cm, pois a concavidade tem cerca de 30×10 , ficando distanciada uns 15 cm da aresta esquerda. Não houve polimento prévio e notam-se, presentemente, restos de cimento no quadrante inferior direito.

A irregularidade da gravação faz-nos supor que ela foi efectuada com o monumento de pé e sem recurso a linhas auxiliares, tendo-se utilizado a letra cursiva. Assim, além dos vértices serem quase todos abertos, temos, principalmente: $CC = \langle \; ; \; S = \; j \; ; \; EE = II \; ; \; FF = I^I \; ; \; AA = \wedge \; ; \; TT \; com \; hastes reduzidas ; os OO da l. 2, circulares, são nitidamente mais pequenos que as restantes letras, o que não acontece na l. 8: os RR e os BB, arredondados, são de pança aberta. Utilizaram-se puncti distinguentes apenas na sigla (l. 3) e nas abreviaturas (l. 6 e 9).$

Cumelius atesta-se em Idanha-a-Velha e na região do Douro (²). Corobultus era até agora desconhecido, mas pelo radical Coro-, sugere também o norte do país (³); é possível que -bultus (vel -bultius) esteja por -voltius (⁴), e neste caso ficaria esclarecida a origem de mais este nome composto, de radical Coro-.

⁽²⁾ Fernando de Almeida, *Egitânia*, p. 223; e Maria de Lourdes Albertos Firmat, *O. Hisp.*, p. 101; há a juntar uma inscrição do Museu de Lamego, de proveniência desconhecida: João Luís Inês Vaz, «Beira Alta», XLI, 3, 1982, p. 507.

⁽³⁾ M. Louides Albertos Firmat, «Actas del I Colóquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica», Salamanca, 1976, p. 80 (mapa).

⁽⁴⁾ M. Lourdes Albertos Firmat, O. Hisp., p. 253 e sg. (palavra U.l.t.i.b.e.l.e.s.).

Dos *Colarni* temos poucas referências, ainda que saibamos que o seu território chegava à região de Armamar (Viseu) (5).

A leitura, que apresentamos e que M. Lourdes Albertos apoiou, não pretende ser definitiva. Decerto outras propostas haverá (6).

Pela paleografia, esta segunda gravação deve ser dos finais do séc. 11 ou princípios do séc. 111.

⁽⁵⁾ João Luís Vaz, *Término Augustal de Geujoim (Armamar*), «Conimbriga» XVIII, 1979; além das referências de Plínio (N. H., IV, 118 — entre os *populi* estipendiários), de Ptelomeu (G. II, 5 — como *oppidum* — *Colarnum*), e da inscrição da Ponte de Alcântara (CIL 760 — como *municipium*).

⁽⁶⁾ Noutra leitura, talvez polémica pela época tardia da gravação, poderíamos admitir que *Balatucelo* estaria formado por *Valat* + *ucelo* e assim a palavra seria sinónima do *princeps* romano (vide O. Hisp., palavras *Valoddus* e *Vceleto*). Neste caso DE não seria uma preposição mas sim a abreviatura de *devotio*. Assim, teríamos: Cumélio, filho de Corobulto, de *Cularnum*, devotou-se ao «príncipe» da gentilidade.